

Rupturas e anacolutos: marcas do planejamento oral na poesia drummondiana

Gil Roberto Costa Negreiros¹

¹Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Rua Monte Alegre, 984, Bairro Perdizes – 05.014-901 – São Paulo – SP – Brasil

gilrobertonegreiros@yahoo.com.br

Abstract. *This work, theoretically based on aspects of the Conversation Analysis approach aims at analyzing the the orality in the poetry of Carlos Drummond de Andrade, more specifically the anacoluthon and the ruptures, which are common marks of the orality.*

Keywords. *Said text and written text; orality; poems.*

Resumo. *Neste trabalho, propomos uma análise da oralidade na poesia de Carlos Drummond de Andrade, mais precisamente dos anacolutos e das rupturas, que são marcas comuns da oralidade. Usamos, como teoria, aspectos da Análise da Conversação.*

Palavras-chave. *Texto falado e texto escrito; oralidade; poemas.*

Neste trabalho, temos como objetivo analisar os anacolutos e as rupturas, que se configuram como marcas sintáticas da oralidade, presentes em trechos poéticos de Carlos Drummond de Andrade. Além disso, tentaremos propor uma nova possibilidade de análise do texto poético, baseada na Análise da Conversação. Trata-se, assim, de um trabalho da área da Lingüística, que foge das tendências analítico-literárias.

Com isso, não pretendemos ir de encontro à veracidade das metodologias de análise tradicionais. Longe disso, o que buscamos é propor algumas possibilidades de investigação da oralidade no texto escrito, em especial do texto literário poético. Acreditamos que este poderia ser analisado de outra maneira, tendo em vista que sua superfície lingüística pode trazer possíveis marcas de uma possível ilusão da oral.

Adotamos, como ponto de partida, a perspectiva sociointeracionista, segundo a qual fala e escrita não podem ser consideradas variedades dicotômicas, mas sim pertencentes a um *continuum*, no qual ambas fazem parte de um mesmo sistema de língua. Nessa proposta, “os sentidos e as respectivas formas de organização lingüística dos textos se dão no uso da língua como atividade situada. Isto se dá na mesma medida, tanto no caso da fala como no da escrita.” (Marcuschi, 2001: 43)

A concepção de língua aqui adotada não se refere a um sistema de regras determinado, regular e homogêneo, mas a um processo fenomenológico com várias formas de manifestação, dinâmico, histórico, social e indeterminado.

Desse modo, não se pretende propor que o texto poético drummondiano seja considerado um texto oral. Longe disso, o que sugerimos é que, em alguns textos poéticos, há marcas que refletem certa aproximação com o uso oral da língua.

A seguir, definiremos mais a fundo a proposta sociointeracionista para, depois, demonstrarmos algumas possibilidades de investigação à luz da Análise da Conversação.

1. Modelo sociointeracionista

O modelo sociointeracionista trata da relação fala e escrita dentro de um contexto dialógico, ou seja, essa relação não é considerada um sistema dicotômico, mas um modo único e complementar de compreensão do mundo. Koch, abordando o assunto, afirma:

Isso não significa, porém, que fala e escrita devam ser vistas de forma dicotômica, estanque, como era comum até há algum tempo e, por vezes, acontece ainda hoje. Vem-se postulando que os diversos tipos de práticas sociais de produção textual se situam ao longo de um contínuo tipológico, em cujas extremidades estariam, de um lado, a escrita formal e, de outro, a conversação espontânea, coloquial. (2006: 43)

Seguindo esquema proposto por Marcuschi (2001: 33), dentro da perspectiva sociointeracionista, língua falada e língua escrita (daqui em diante LF e LE) apresentam dialógicidade, funções interacionais, coerência e dinamicidade. Também são fundamentos deste paradigma a negociação, os usos estratégicos e a situacionalidade, que auxiliam na percepção da língua como um fenômeno interativo e dinâmico.

De acordo com esse modelo, torna-se muito difícil – senão impossível – uma separação estanque entre LF e LE. Essas modalidades seriam modos de representação cognitiva e social reveladas em situações específicas. Nessa perspectiva, não cabe considerar uma modalidade superior ou inferior à outra, pois a fala e a escrita não possuem características negativas ou positivas. Uma separação dicotômica iria de encontro à existência de um *continuum* entre LF e LE:

As relações entre fala e escrita não são óbvias nem lineares, pois elas refletem um constante dinamismo fundado no *continuum* que se manifesta entre essas duas modalidades de uso da língua. Também não se pode postular polaridades estritas e dicotomias estanques. (Marcuschi, 2001: 34)

Assim, fala e escrita são realizações de um mesmo sistema, tendo características acentuadas próprias, que podem contagiar a outra modalidade, formando posições intermediárias, que nada mais são do que outras formas de produzir os sentidos do mundo, mais distantes ou próximas da fala ou da escrita (cf. Barros, 2000: 58). As diferenças entre LF e LE são analisadas, no paradigma sociointeracionista, sob o ponto de vista dos usos e não do sistema. A diferenciação não se torna dicotômica, mas sim escalar e gradual:

O que se verifica, na verdade, é que existem textos escritos que se situam, no contínuo, mais próximos ao pólo da fala conversacional (bilhetes, cartas familiares, textos de humor, por exemplo), ao passo que existem textos falados que mais se aproximam do pólo da escrita formal (conferências, entrevistas profissionais para altos cargos administrativos e outros), existindo, ainda, tipos mistos, além de muitos outros intermediários. (Koch, 2006:44)

Dessa maneira, uma conversa telefônica pode ocupar, se considerarmos o espaço de realização textual, uma posição intermediária entre LF e LE, pois o contexto interacional é ausente e os interlocutores encontram-se parcialmente presentes (os

aspectos paralingüísticos, como o olhar, o riso, os meneios da cabeça, a gesticulação, não são percebidos). Ora, as ausências do contexto interacional e dos aspectos paralingüísticos são características do texto escrito. Assim, podemos afirmar que conversações telefônicas encontram-se em posições intermediárias na relação LF e LE.

Do mesmo modo, alguns textos produzidos nos *chats* da Internet, apesar de pertencerem à modalidade escrita, podem possuir características orais, tais como a construção coletiva do texto, alternância de papéis (falante-escritor x ouvinte-leitor) e descontração.

Contudo, quando se aborda a existência do *continuum*, não se quer afirmar que a fala possui as mesmas características da escrita. Ao contrário, a fala apresenta marcas próprias, sobretudo por ser relativamente não-planejável de antemão.

2. Anacolutos e rupturas: características do planejamento oral

Dissemos Anteriormente que LF e LE não se encontram em posições estanques, mas sim em escalas graduais, podendo ocorrer características da língua falada na língua escrita e vice-versa. Iremos nos preocupar, aqui, com os anacolutos e com as rupturas presentes no texto escrito, lembrando que fazem parte do conjunto das características da LF. Demonstraremos, assim, que o autor, no caso Drummond, faz uso de determinados recursos da LF na construção do texto escrito, que são marcas essenciais do processo de reelaboração lingüística da língua falada.

Quando comparamos LF e LE, levando em conta as variedades prototípicas (como na comparação de uma “conversação espontânea” com um “texto acadêmico”), percebemos que há, na LF, uma maior presença de reelaborações, haja vista que a fala é elaborada ao mesmo tempo em que é colocada em prática. Em outras palavras, o texto escrito, em tese, é reconstruído com o apagamento das marcas de reelaboração: “revê-se o que se escreveu, volta-se atrás, apagam-se os erros, escondem-se as hesitações, evitam-se as repetições.” (Barros, 1999: 155)

Desta forma, o texto escrito, teoricamente, não deixa marcas no processo de planejamento, apresentando-se como um todo coeso, pronto, com frases mais densas e sintaticamente mais complexas. O texto oral, por seu turno, mostra marcas lingüísticas evidentes de seu planejamento, de que resultam frases mais fragmentadas sintaticamente. (cf. Rodrigues, 1999, 36)

Assim, as interrupções, juntamente com paráfrases e correções, auxiliam o caráter descontínuo do texto falado. Da mesma forma, as interrupções são indícios do *status nascendi* da fala, mais especificamente da conversação espontânea ideal:

[...] vimos que a construção do texto falado é extremamente suscetível de problemas de formulação, em geral denunciados por discontinuidades manifestadas nas hesitações e nas interrupções provocadas por correções e retomadas parafrásticas. (Hilgert, 1999: 112)

Devido à sincronia presente entre planejamento e produção textual, é comum, em um texto conversacional, a existência de dois tipos de interrupção, o anacoluto e a ruptura, uma vez que o falante pode, depois de ter iniciado o enunciado, dirigir seu pensamento a outro aspecto da conversação. Com isso o falante abandona a idéia inicial, que já havia sido inicialmente verbalizada, começando um novo enunciado. É isso que nos diz Moraes:

515 L2 **nem sempre M. você vai::...** assim:: o povo americano
 não é um povo feliz... em termos de condições materiais
(Castilho & Preti, 1987: 30)

3. Marcas orais na poesia de Drummond: algumas considerações

Conforme já dissemos, o anacoluto seria uma ruptura de menor intensidade, já que haveria um abandono da enunciação no nível da estrutura sintática, permanecendo, porém, resíduos semânticos no enunciado seguinte.

Recurso semelhante pode ser encontrado na poética drummondiana. Percebe-se, no caso a seguir, que o enunciador interrompe o enunciado inicial, no qual promete a um suposto interlocutor (no caso, uma mulher) alguns “presentes”, mais especificamente *um vestido* e *um país*. Ao repetir novamente a expressão *te dou*, há uma pausa com uma conseqüente ruptura do que era falado. Em seguida, o enunciador se dirige ao seu interlocutor, afirmando que “isso” ele não daria.

Nota-se que a estratégia usada pelo autor na construção do trecho do poema “Canção para ninar mulher” é tipicamente oral: o início de uma oração, com posteriores pausa e ruptura da frase. Entretanto, é mantida uma relação semântica entre a frase interrompida (e abandonada) e a posteriormente enunciada. O anacoluto é observado justamente na junção de abandono sintático e relação de sentido entre os dois enunciados.

Além disso, a ilusão da oralidade também reside na suposição de uma interlocutora próxima (a própria mulher), que entenderia o termo omitido, uma vez que se encontra na situação pragmática em que o enunciado foi produzido. Some-se a isso a presença das negativas duplas que, juntamente com as pausas (marcadas pelo sinal das reticências), dá ao trecho um caráter coloquial. Observemos:

“Canção para ninar mulher”
Dorme que eu te dou
um vestido, um país,
te dou... ah isso não dou não. (p. 56)

Ao contrário do anacoluto, que pode ser considerado uma ruptura amenizada, a ruptura propriamente dita consiste em uma interrupção brusca, omitindo-se partes essenciais do enunciado.

Conforme já dissemos, a ruptura, no texto falado, pode ser intencional, ou seja, o complemento de uma frase ou partes essenciais de um enunciado podem ser omitidos pelo falante, “na expectativa de que o ouvinte, por um conhecimento prévio compartilhado, as preencha.” (Urbano, 2000: 119)

No *corpus* analisado, encontramos dois casos de ruptura. No primeiro, o interlocutor interrompe a frase que vinha sendo articulada para, em seguida, enunciar outra que, ao contrário do exemplo de anacoluto analisado no item anterior, não tem relação semântica com a frase interrompida.

Assim, a ruptura acontece em dois níveis: a) no sintático, pois a complemento do enunciado é deixado de lado; b) no semântico, pois o enunciado seguinte à ruptura não tem relação semântica com aquele que foi suspenso. Notemos:

“Passagem de ano”
O último dia do tempo
Não é o último dia de tudo.
Fica sempre uma franja de vida
Onde se sentam dois homens.
Um homem e seu contrário,
Uma mulher e seu pé,
Um corpo e sua memória,
Um olho e seu brilho,
Uma voz e seu eco,
E quem sabe até se Deus...

Recebe com simplicidade este presente do acaso.
Mereceste viver mais um ano.
Desejarias viver sempre e esgotar a borra dos séculos. (p. 126)

Pode-se perceber, também, que esse tipo de fenômeno lingüístico é resultante de uma “perda de controle” por parte do falante sobre a organização de seu texto (cf. Koch et alii, 1996: 176). Desse modo, em ambos os casos, a idéia esboçada nos trechos destacados não se completa, pois as frases se cortam.

Um outro caso de ruptura que merece destaque foi retirado do poema “Aliança”. Diferentemente de “Passagem de ano”, em que o enunciador interrompe a formulação do enunciado para, em seguida, introduzir outro, o poema “Aliança” é encerrado com uma ruptura. Mais uma vez, um fenômeno da oralidade é usado na poética drummondiana:

“Aliança”
O sonho, colo cortado,
se recompõe. Aqui estou,
diz-lhe o sonho; que fazias?
Não sei, responde-lhe; apenas
fui ao capricho deste homem.
Negócios de homem: por que
assim os fazes tão teus?
Que sei, murmura-lhe. E é tudo.
Sono de agulha o penetra,
separando-nos os dois.
Mas se... (p. 241)

Nesses três fragmentos poéticos, percebe-se a presença de certas marcas que, em um texto escrito, padrão, teoricamente não ocorreriam. Entretanto, a presença de recursos orais em um texto poético torna-se uma fonte a mais de expressividade.

Assim, por meio de estruturas claramente orais, que poderiam ser evitadas no texto escrito, Drummond constrói alguns de seus poemas. Nos trechos analisados, a construção dos textos passa pelo aproveitamento da sintaxe da fala, o que nos permite

afirmar que há características orais na poética de Carlos Drummond de Andrade, que se tornam úteis na construção da expressividade da poesia.

Referências bibliográficas

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Procedimentos de reformulação: a correção. In: PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas Publicações, 1999. p. 129-156.
- _____. Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias. In: PRETI, Dino (org.). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas Publicações, 2000. p. 57-78.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de & PRETI, Dino (org.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: diálogos entre dois informantes*. São Paulo: T. A. Queiroz: FAPESP, 1987. vol. II.
- HILGERT, José Gaston. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. In.: PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. 4. ed. São Paulo: Humanitas Publicações, 1999. p. 103-127.
- KOCH, Ingedore G. Villaça et alii. Processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado. In.: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.). *Gramática do português do falado*. 3. ed. Campinas – SP: Fapesp/Editora da Unicamp, 1996. vol. 1, p.145-184.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Especificidade do texto falado. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi & KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora Unicamp, 2006. vol. 1, p. 39-46.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.
- MORAES, Lygia Corrêa Dias de. A sintaxe na língua falada. In: PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. 4. ed. São Paulo: Humanitas Publicações, 1999. p.169-188.
- RODRIGUES, Ângela C. Souza. Língua Falada e língua escrita. In: PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. 4. ed. São Paulo: Humanitas Publicações, 1999. p.13-32.
- URBANO, Hudinilson. *Oralidade na literatura: o caso Rubem Fonseca*. São Paulo: Cortez, 2000.

